

O (ENTRE) LUGAR DE GÊNERO NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA PÚBLICA.

Ádria Maria da Paixão Souto¹

Universidade do Estado do Pará – UEPA

Bianca Pâmela de Oliveira Melo²

Universidade do Estado do Pará – UEPA

Luana Gabriele Cipriano dos Santos³

Universidade do Estado do Pará – UEPA

RESUMO

O estudo objetivou analisar a atuação do/a professor/a como agente de mediação e ressignificação para as questões de gênero em sala de aula sob o enfoque do entre-lugar de gênero nas práticas pedagógicas no Ensino Fundamental de uma escola pública em Belém/PA. Como fundamento teórico-metodológico, se faz presente: Bhabha (2013), Bourdieu e Passeron (1977), Freire (1994), Louro (2011), Passador (2015), Silva (2007) e Souza (2016). Utilizou-se a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, que foi realizada por meio da abordagem qualitativa de caráter exploratório. Verificou-se, nesse sentido, diversos episódios em que a ideologia conservadora se fez presente em sala de aula, tendo em vista o receio dos/as profissionais em trabalhar essa temática no ambiente escolar, seja pela ausência de capacitação e/ou aporte familiar.

Palavras-Chave: Currículo; Ensino; Escola; Gênero e Práticas.

THE (BETWEEN) PLACE OF GENDER IN PEDAGOGICAL PRACTICES IN ELEMENTARY EDUCATION IN A PUBLIC SCHOOL.

ABSTRACT

The study aimed to analyze the role of the teacher as an agent of mediation and re-signification of gender issues in the classroom from the perspective of the gender in-between in pedagogical practices in Elementary Education at a public school in Belém/PA. As a theoretical-methodological foundation, it is present: Bhabha (2013), Bourdieu and Passeron (1977), Freire (1994), Louro (2011), Passador (2015), Silva (2007) and Souza (2016). Bibliographic research and field research were used, which was carried out through a qualitative approach of an exploratory nature. In this sense, several episodes were verified in which the conservative ideology was present in the classroom, in view of the professionals' fear of working on this theme in the school environment, either due to the lack of training and/or family

¹ Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia, Universidade do Estado do Pará (UEPA). BR-316 km5, 5010, Águas Lindas, Ananindeua, Pará, Brasil, CEP: 67020-000. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1230-228X>. Email: adria27ps@gmail.com.

² Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia, Universidade do Estado do Pará (UEPA). BR-316 km5, 5010, Águas Lindas, Ananindeua, Pará, Brasil, CEP: 67020-000. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7150-3268>. Email: melobianca504@gmail.com.

³ Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia, Universidade do Estado do Pará (UEPA). BR-316 km5, 5010, Águas Lindas, Ananindeua, Pará, Brasil, CEP: 67020-000. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9376-9676>. Email: ciprianoluanna@gmail.com.

support.

Keywords: Curriculum; Teaching; School; Gender and Practices.

EL (ENTRE) LUGAR DEL GÉNERO EN LAS PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS EN LA EDUCACIÓN PRIMARIA EN UNA ESCUELA PÚBLICA.

RESUMEN

El estudio tuvo como objetivo analizar el papel del profesor como agente de mediación y resignificación de las cuestiones de género en el aula desde la perspectiva del género en medio en las prácticas pedagógicas en la Educación Básica en una escuela pública de Belém/PA . Como fundamento teórico-metodológico, está presente: Bhabha (2013), Bourdieu y Passeron (1977), Freire (1994), Louro (2011), Passador (2015), Silva (2007) y Souza (2016). Se utilizó la investigación bibliográfica y la investigación de campo, la cual se llevó a cabo a través de un enfoque cualitativo de carácter exploratorio. En ese sentido, se verificaron varios episodios en los que la ideología conservadora estuvo presente en el aula, ante el temor de los profesionales de trabajar ese tema en el ambiente escolar, ya sea por falta de formación y/o apoyo familiar.

Palabras llave: Currículo; Enseñando; Escuela; Género y Prácticas.

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, a questão de gênero em torno da formação de professores/as para as práticas pedagógicas na Educação Básica, vem sendo amplamente discutida em inúmeros segmentos da sociedade, sobretudo, dentro do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Segundo Severino (2004) o/apedagogo/a é o/a profissional da formação humana, assim, há uma grande expectativa relacionada ao papel deste/a profissional enquanto agente social capaz de disseminar assuntos de tamanha relevância como estes.

A educação, neste contexto, acarreta um papel fundamental e de extrema importância para a resignificação das questões de gênero que são tão corrompidas diariamente. Como destaca Souza et al (2016, p. 2-3) “está empregado nas escolas diálogos que não valorizam as particularidades de cada pessoa o que dificulta a mulher no seu desenvolvimento educacional e social”. Ou seja, o ambiente escolar tem sido palco de tabus e, com isso, reforça ainda mais o sexismo existente.

Neste ponto, o assunto estudado obtém-se uma perspectiva reflexiva diante o sentido do entre-lugar, onde as formas da educação se reverberam em paralelo às vivências do indivíduo. Então, nessa perspectiva Bhabha (2013, p. 20) conceitua o entre-lugar, como a “necessidade de passar além das narrativas de subjetividade originárias, iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais”. Em outras palavras, o conceito compreende e

abrange uma nova visão sobre a configuração e organização internalizados nos indivíduos, no que diz respeito à cultura e toda sua pluralidade. A cultura compõe a sociedade no seu mais íntimo aspecto, nos fazendo moradia diária e não podemos ser pensados fora dela.

A escola, como instituição de ensino, muitas vezes reproduz o sexismo existente na sociedade patriarcal e reforça preconceitos e privilégios, a partir da noção de superioridade, favorecendo a reprodução da segregação entre os gêneros. Louro (2003, p. 81) sustenta que “a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz”.

Nesse viés, a maneira como a escola representa as concepções de gênero e sexualidade se sobressaem conforme seu currículo foi pensado para essa temática. Silva (2003, p. 63) aborda um panorama sobre os currículos, compreendendo-os como a expressão dos nossos conceitos do que constitui os conhecimentos, sendo estes classificados em: tradicional, crítico e pós-crítico.

A escolha do tema partiu da curiosidade e inquietações das presentes autoras deste artigo, por serem temas com poucas aberturas no campo acadêmico e, sobretudo, no recorte para a Educação Básica, no qual nota-se que assuntos como gênero nas práticas pedagógicas são escassos por vários motivos. E acredita-se fielmente que a educação é um fio condutor de transformação social com um grande potencial de eficácia, sendo assim, o vigente debate proposto só é possível ocorrer dentro da escola e nas práticas pedagógicas em sala de aula, se o currículo venha fazer a reflexão e a desconstrução de uma sociedade patriarcal e sexista.

Nesse sentido, visando o aprofundamento da presente temática, a pesquisa converge para a seguinte questão norteadora: qual o (entre) lugar de gênero nas práticas pedagógicas no Ensino Fundamental?

Desta forma, a investigação pauta-se como objetivo geral, em analisar a atuação do/a professor/a como agente de mediação e ressignificação para as questões de gênero em sala de aula.

REFERENCIAL TEÓRICO

A escola não é somente um espaço de ensino e aprendizagem, mas também

um ambiente ideológico e social, onde há o processo de interação, a troca de valores e saberes e a exteriorização da bagagem cultural dos sujeitos ali inseridos. Devido a grandeza que a atmosfera escolar proporciona, devemos estar constantemente vigilantes, visto que o tempo e espaço não são concebidos de maneira linear por todas as pessoas.

Dentro e fora dessa instituição, desde o momento em que chegamos ao mundo, recebemos definições e designações de acordo com o sexo biológico e ao longo do tempo vamos construindo nossa identidade de gênero com base nos estímulos políticos, sociais e culturais e nosso entendimento do que somos e como nos sentimos. Louro (1997), compreende gênero como uma construção social e histórica que se configura a partir da marcação e classificação da classe, idade, cor, etnia, crença, região (etc.), convergindo para moldar o percurso da construção dessa identidade.

[...] as marcas permanentes que atribuímos às escolas não se referem aos conteúdos programáticos que elas possam nos ter apresentado, mas sim se referem a situações do dia-a-dia, experiências comuns ou extraordinárias que vivemos no seu interior, com colegas, com professoras e professores. As marcas que nos fazem lembrar, ainda hoje, dessas instituições têm a ver com as formas como construímos nossas identidades sociais, especialmente nossa identidade de gênero e sexual (LOURO, 1999, p.18-19).

Souza (2016) apresenta a noção de diferença como algo circunscrito a partir do conceito de entre-lugar de Homi Bhabha (2013). Onde o sujeito é um elemento cultural originário do embate entre a tradição e a contemporaneidade e as transformações que dele advém e podem ser percebidas. Nesse sentido, ao falarmos do entre-lugar dos sujeitos desta pesquisa, nos referimos a posição em que esses estão com base em dois extremos: tradicional (o seio familiar e as práticas pedagógicas tradicionais) e a contemporaneidade (concepções modernas, diferentes espaços e relações fora do ambiente escolar).

Bourdieu e Passeron (1977) sustentam que a educação é um instrumento fundamental para haver continuidade histórica, discorrendo sobre dois conceitos necessários à compreensão da desigualdade no meio educacional: violência simbólica e capital cultural. A violência simbólica, realizada por uma autoridade escolar - o/a professor/professora - que tende a afirmar, de maneira oculta, a cultura dominante, podendo marginalizar ou excluir uma parcela significativa dos/as

estudantes. Já o capital cultural diz respeito ao conhecimento externo dos sujeitos, ou seja, a bagagem que os/as alunos/as trazem consigo e que consolida essa desigualdade. Assim sendo, a escola e alunos/as acabam estabelecendo uma comunicação fática e, por essa razão, a cultura escolar fica para trás em relação às demais áreas de transformações culturais. O currículo nesta perspectiva por ser uma prática, torna-se uma expressão da socialização e da função cultural da educação. De acordo com Silva (2007):

(...) é um dos locais privilegiados onde se entrecruzam saber e poder, representação e domínio, discurso e regulação. É também no currículo que se condensam relações de poder que são cruciais para o processo de formação de subjetividades sociais. Em suma, currículo, poder e identidades sociais estão mutuamente implicados. O currículo corporifica relações sociais. (SILVA, 2007).

Conveniente salientar que, além do currículo formativo, há aprendizagens informais que contribuem de forma implícita para as trocas de conhecimentos, e as mesmas compõem o nascer do currículo oculto. E esse currículo oculto se faz presente nos corredores escolares tanto quanto o currículo oficial. Como ressalta Passador (2015):

Esse currículo oculto está presente nas representações das diferenças que encontramos nos materiais didáticos, nos conteúdos ensinados, nas relações entre educadoras e educadores, entre estes e estas e seus estudantes, entre estudantes com seus pares, entre escola, família e comunidades, entre escola e Estado, e em toda uma série de experiências que atravessam o contexto escolar. (PASSADOR, 2015, p. 43).

A educação, destacada por Freire (1994), é o principal instrumento de transformação nas condições de vida de uma população, podendo conduzir um povo ao desenvolvimento, ao avanço e à melhoria de vida. Diante disso, a escola tem um papel elementar na mudança da realidade circundante, possibilitando a implementação de um cenário social que admita a diversidade como sua extensão, dando a essa o devido valor e respeito. As práticas pedagógicas devem incorporar o desafio de estabelecer bases inclusivas que assegurem efetivamente a harmonia entre os sujeitos diversos, bem como estabelecer a igualdade de direitos, não precisando para isso que as diferenças sejam descaracterizadas.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa e caráter exploratório, pois segundo

Antônio Chizzotti existe uma espécie de interdependência entre o sujeito observador e o objeto a ser observado, um vínculo entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode se romper. “O sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados [...]” (CHIZZOTTI, 2000, p. 34).

Neste viés, a amostra corresponde a crianças de oito a dez anos de idade da 2ª série do Ensino Fundamental (turno vespertino) de uma escola pública de Belém/PA que retornaram às atividades presenciais esse ano, depois de dois anos em ensino remoto, devido a pandemia do COVID-19. Diante disso, os instrumentos de coleta de dados definidos foram o questionário com perguntas fechadas, respondidas pelas próprias pesquisadoras com o auxílio da equipe pedagógica da escola, e a observação participante que se dá no cotidiano do espaço escolar, especialmente dentro de sala de aula, onde:

Há o processo no qual um investigador estabelece um relacionamento multilateral e de prazo relativamente longo com uma associação humana na sua situação natural, com o propósito de desenvolver um entendimento científico daquele grupo (MAY, 2001, p. 177).

A coleta dar-se-á no período de dois meses, junho e agosto de 2022, e o tratamento dos dados consiste em análise de conteúdo (respostas do questionário fechado) e a análise das observações e registros feitos pelas pesquisadoras, nos atendo às limitações do estudo, visto que se tratam de crianças que estão tanto em processo de formação educacional como social e que advém, em sua maioria, de famílias com baixa escolaridade e baixa renda, imbuídas de discursos, princípios e prática que ou negligenciam a temática gênero ou carregam consigo concepções limitadas e preconceituosas a respeito da mesma.

ANÁLISES E RESULTADOS

À luz da temática serão apresentados os diagnósticos e discutidos os resultados da pesquisa desenvolvida nesta escola pública de Belém, Pará, com os/as alunos/as e a professora regente da classe do 2º ano do Ensino Fundamental - vespertino - que foram observados/as pelas pesquisadoras no cotidiano de suas práticas pedagógicas. Nesse sentido, a discussão ocorrerá em torno das práticas mais

convenientes ao critério da pesquisa, sendo essas: a metodologia aplicada nas aulas; os momentos lúdicos e as brincadeiras e a interação social da professora com os/as alunos/as e dos/as alunos/as entre si.

A metodologia aplicada pela professora durante as aulas é mergulhada em um maré de ludicidade e didática, no que se refere ao processo de alfabetização e letramento, tendo em vista seus longos anos de experiência como educadora. Entretanto, dando recorte para as questões de gênero, foram frequentes as constatações dos marcadores sociais como sustentado por Passador (2015), onde a abordagem dos conteúdos constantemente reforçava, seja por meio da linguagem ou de cenários fictícios a ilustração dos papéis socialmente definidos para meninos e meninas, a exemplo, da Semana da Leitura, com aparições de frases:

Professora: *Mamãe está cozinhando o jantar.*

Professora: *Garoto joga futebol na rua.*

Figura 01 - Barraca da Leitura



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Além disso, outra demonstração desse paradigma foi a atividade realizada no mês de junho para a confecção do material decorativo do período junino, onde a turma foi dividida em grupos segregados por gênero. Assim, as meninas foram condicionadas às funções mais “delicadas” e minuciosas, como desenhar os moldes, colar e recortar, enquanto que os meninos foram direcionados para montagem e arranjo dos materiais produzidos.

Figura 02 - Meninas fazendo os moldes do material.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 03 - Meninos fazem a montagem do material.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Ao utilizar-se dessas metodologias, a professora reafirma valores sociais sexistas e patriarcais que corroboram as concepções de que a mulher deve se responsabilizar por tarefas que exijam maior sensibilidade, destreza, cuidado e atenção aos detalhes, em contrapartida, cabe ao homem ações voltadas à execução: força física e raciocínio lógico. Essa distribuição ocorre a partir da categorização contida nos marcadores sociais, que de acordo com Passador (2015) são:

marcadores de diferenças comumente utilizados para definir identidades e delimitar fronteiras entre grupos e segmentos de uma sociedade. Esses marcadores sociais da diferença são carregados de significados e valores que classificam e hierarquizam sujeitos e grupos nos contextos em que eles existem socialmente. (PASSADOR, 2015, p. 18).

Outras práticas pedagógicas que nos chamaram a atenção foram os momentos lúdicos e brincadeiras, que geralmente ocorriam após o término das atividades e ao final das aulas. Nesses momentos, a professora dividia a turma em dois grupos organizados nos dois extremos do espaço físico da sala de aula, impossibilitando a permuta dos brinquedos e a troca de interação social entre os/as alunos/as durante as brincadeiras.

Figura 04 - Meninas brincando de bambolê.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 05 - Meninos brincando de futebol.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Para as meninas, haviam bonecas e jogo de cartas (uno) e para os meninos, carrinhos, bonecos, dinossauros, peças de encaixe (lego) e quebra-cabeças. Somado a isso, em uma dessas ocasiões certa aluna estava desinteressada pelo passatempo de suas colegas optando, assim, por se enturmar com os meninos, porém, ao tentar essa aproximação foi advertida tanto pela professora regente quanto por um de seus colegas que se pronunciou dizendo:

Aluno (A): *O que tu tá fazendo aqui? aqui é dos meninos, vai pra lá.*

Apontando para o outro lado da classe, onde as meninas estavam brincando

com suas bonecas. [texto para esclarecer]

Bassalo comenta (2010, p. 148) que o reconhecimento da diferença entre meninos e meninas está na escola, sendo uma diferença baseada em aspectos biológicos, em estereótipos de sexo, em distinções binárias, em oposições, que refletem as relações de poder. Desse modo, características como: delicadeza, força, destreza física, emotividade, sensibilidade, raciocínio lógico ainda são ligados ao gênero/sexo.

No tocante a interação social da professora com os/as alunos/as, essa se fez majoritariamente autoritária, uma vez que havia pouca ou ausência de diálogo relacionado aos conflitos aparentes na turma, nos quais a resposta expressa pela mesma era ameaça ou punição, assumindo uma postura tradicional de ensino. Diante disso, observamos algumas situações que aconteceram entre os meninos e as meninas durante o intervalo das aulas, onde elas optaram por não comunicar a professora visando evitar uma possível represália.

Pois isto, dois alunos estavam jogando a lancheira de uma aluna para cima enquanto a menina os seguia e pedia em tom de desgosto para que parassem com a ação [texto esclarecedor], sendo assim, um dos meninos verbalizou a seguinte frase:

Aluno (B): *Tu não consegue pegar porque é menina, nós somos meninos, nós somos mais rápidos.*

Nesse instante, outra aluna decidiu interferir e nos acionar, pois se compadeceu com a situação de sua colega. Ao indagarmos sobre relatar o ocorrido, ambas disseram que preferiam o silêncio, visto que em outros cenários a reação da professora foi questionar o comportamento das próprias meninas, afirmando que elas deviam brincar entre si e não buscar a atenção deles. [texto esclarecedor]

Professora: *A brincadeira deles é de meninos.*

Em sala de aula observamos também dizeres do tipo:

Aluno (C): *Ela não sabe ler, só tem cabeça para usar maquiagem.*

Aluna (A): *Eu não quero esse lápis porque é azul escuro, cor de menino.*

Aluno (D): *Eu quero aprender com um homem.*

A reprodução dessas falas e os valores sociais que carregam são de fundamental importância para compreendermos como se configuram as relações de gênero nesta instituição. Nessa perspectiva, ao não refletir, abordar, discutir essa temática e, ainda mais, adotar/construir um currículo que venha acolher essas

entraves, a escola reitera o enraizamento das práticas pedagógicas tradicionalistas e sexistas que conflituam com a contemporaneidade que é ou será vivenciada pelos/as alunos/as fora no ambiente escolar. Ou seja, evidenciamos a necessidade de haver sempre uma abordagem atual no que consiste a execução do currículo, trazendo a aplicabilidade de demandas envolvidas e que são de suma importância para a solução de uma possível problemática no meio educativo, esses extremos desatam no conceito de entre-lugar, pois “as passagens intersticiais e os processos de diferença cultural estão inscritos no "entre-lugar” (BHABHA, 1998, p. 298).

CONCLUSÕES

Este estudo procurou apresentar e analisar o entre-lugar de gênero nas práticas pedagógicas no Ensino Fundamental de uma escola pública, onde observamos o papel da professora diante de sua vivência em sala de aula e a interação dos/as alunos/as, visto que estudar e oferecer abertura para este assunto possibilita compreendermos mais e melhor os anseios dos/as estudantes e buscarmos caminhos para a promoção de um lugar de igualdade de gênero no ambiente escolar.

Em conjunto as considerações dos/as autores/as e o estudo realizado diretamente na instituição, tivemos a confirmação de que o tradicionalismo, o sexismo e a segregação de gênero continuam pertencentes até mesmo no ambiente de educação básica, onde as aprendizagens estão em constante construção.

Logo, é necessário que mudanças ocorram na formação docente, para que o/a educador/a, além de fazer seu papel de alfabetizar e letrar, também realize uma prática igualitária, proporcionando atividades e permissões que atendam a todos/as da turma. Ademais, é relevante trazer de forma natural a discussão das questões de gênero propriamente entre os/as alunos/as para compreenderem a influência desse debate para o desenvolvimento da sociedade e suas relações.

Portanto, deixamos tais questionamentos com a intenção de dar continuidade aos estudos e trazer reflexões aos/às futuros/as educadores/as. A temática de gênero faz parte ou deve fazer parte das reflexões em minha sala de aula? Atuo de forma reprodutora dos estereótipos que permeiam a sociedade? De que maneira as minhas práticas pedagógicas impactam as relações de gênero?

REFERÊNCIAS

BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. **Relações de gênero e o papel da escola**. In: Stevens, Cristina; TAROUQUELLA, Katia Cristina; CAMPOS, Tânia Mara; ZANELLO, Valeska (orgs). **Gênero e Feminismos: Convergências (in)disciplinares**. Editora ExLibris. Brasília, 2010;

BHABHA, H. **O Local da cultura**. Instituto de Psicologia - UFRGS. Editora UFMG, Belo Horizonte, 1998;

_____. **O Local da cultura**. Editora UFMG. Belo Horizonte, 2013;

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino**. 1977. Tradução: C. Perdigão Gomes da Silva. Ed. Vega, s.d., 302 pp. Lisboa, 2009;

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 2ª edição. Cortez Editora. São Paulo, 2000;

LOURO, Guacira Lopes L. **Gênero, sexualidade e educação – uma perspectiva pós-estruturalista**. Editora Vozes. Petrópolis, 1997;

_____. **Segredo e mentiras do currículo: sexualidade e gênero nas práticas escolares**. In: SILVA, L. H. A escola cidadã no contexto da globalização. 3. ed. Editora Vozes. Petrópolis, 1998;

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. 5.ed. Editora Vozes. Petrópolis, 2003;

MAY, T. **Pesquisa social. Questões, métodos e processos**. Artemed. Porto Alegre, 2001;

PASSADOR, Luiz Henrique. **Diversidade na escola: diferenças, culturas e desigualdades**. Módulo I - Diversidade do curso de especialização em Gênero e Diversidade na Escola da Unifesp (2015). São Paulo, 2015;

SEVERINO, A. J. **A formação e a prática do professor em face da crise atual dos paradigmas educacionais**. Ciência & Opinião, v. 1, n. 2, p. 15-31, 2004;

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2 ed. 11 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007;

_____. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003;

SOUZA, Camila Cláide Oliveira de. **Entre deuses e humanos: entre-lugares da diferença na trama curricular**. 2016.